

2.º Jardim Escola João de
Deus da Figueira da Foz

«Pelo Oceano, pelo Mar,
há “milhas” por
explorar!»

Projeto Educativo 2018-2021



Índice Geral

I – Introdução	Pág. 4
II – Fundamentação	Pág. 8
III - O Concelho da Figueira da Foz	Pág. 10
3.1 - Resenha histórica	Pág. 10
3.2 - Caracterização do Concelho da Figueira da Foz	Pág. 11
3.2.1 – Organização territorial	Pág. 11
3.2.2 – Organização administrativa e social	Pág. 12
3.2.3 – Relevo	Pág. 12
3.2.4 – Clima	Pág. 14
3.2.5 – A costa	Pág. 15
3.2.6 – Estrutura económica	Pág. 15
3.2.7 – Freguesia de S. Julião	Pág. 16
IV - A Associação de Jardins-Escolas João de Deus	Pág. 18
V - O Método João de Deus	Pág. 21
5.1 - João de Deus Ramos e a sua época	Pág. 21
5.2 - O ambiente	Pág. 22
5.3 - Escola e sociedade	Pág. 23
5.4 - Educação moral	Pág. 24
5.5 - Enquadramento teórico	Pág. 25
5.6 - As práticas	Pág. 26
VI – 2º O Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz	Pág. 31
6.1 – Caracterização do meio envolvente	Pág. 31
6.2 – Criação do Jardim-Escola	Pág. 31
6.3 – Tipologia	Pág. 33
6.4 – Evolução física	Pág. 37
6.5 – Caracterização física da escola	Pág. 38
6.5.1 – Instalações escolares	Pág. 38
6.5.2 – Recreios	Pág. 41
6.5.3 – Refeitório	Pág. 41
6.5.4 – Secretaria/Gabinete de Direção	Pág. 41
6.5.5 – Ginásio/Salão Polivalente	Pág. 42
6.6 – Caracterização da população escolar	Pág. 42
6.6.1 – Pessoal discente	Pág. 42

6.6.2 – Pessoal docente-----	Pág.43
6.6.3 – Pessoal não docente-----	Pág.44
6.7– Organização nos períodos das férias-----	Pág.45
6.8– Relação entre o Jardim-Escola e a comunidade educativa-----	Pág.45
6.8.1 – Contactos com os pais/encarregados de educação-----	Pág.45
6.8.2 – Projetos/protocolos/parcerias-----	Pág.46
VII – Intenções educativas do Jardim-Escola -----	Pág.47
7.1 - Intenções educativas -----	Pág.47
7.1.1 – Objetivos -----	Pág.47
7.1.2 - Princípios básicos -----	Pág.47
7.2 – Análise SWOT da organização -----	Pág.48
VIII – Ações educativas do Jardim-Escola -----	Pág.50
8.1 - Ações educativas -----	Pág.50
8.1.1 - Formação de turmas -----	Pág.50
8.1.2 - Manuais e material escolar -----	Pág.51
8.1.3 – Visitas de estudo -----	Pág.51
8.1.4 - Atividades Extracurriculares -----	Pág.51
8.1.5 - Acompanhamento das crianças -----	Pág.52
8.1.6 - Apoio educativo -----	Pág.52
8.1.6.1 – Princípios orientadores da Educação Inclusiva -----	Pág.52
8.1.7 – Avaliação -----	Pág.53
8.1.7.1 – Avaliação no Pré-Escolar -----	Pág.53
8.1.7.2 – Avaliação no 1.º Ciclo -----	Pág.54
IX – Metas educativas do Jardim-Escola -----	Pág.56
9.1 - Caracterização das áreas problemáticas -----	Pág.56
9.2 – Metas/Objetivos -----	Pág.56
X – Disposições finais -----	Pág.57
10.1 – Destinatários -----	Pág.57
10.2 – Vigência do Projeto Educativo -----	Pág.58
10.3 – Avaliação do Projeto Educativo -----	Pág.58
10.4 – Critérios de avaliação final do Projeto Educativo -----	Pág.59
10.5 – Divulgação do Projeto Educativo -----	Pág.59
XI- Bibliografia -----	Pág.60

I – Introdução

O Projeto Educativo é o documento que, segundo o Decreto-lei n.º115-A/98, de 4 de maio no artigo 3.º, n.º2, alínea a), consagra a orientação educativa da escola, no qual se explicam os princípios, os valores, as metas e as estratégias através das quais a escola se propõe cumprir a função educativa.

O Projeto Educativo assume-se como o primeiro grande instrumento de planeamento da ação educativa da escola, devendo servir permanentemente de ponto de referência, no qual se orientam todos os elementos da Comunidade Educativa em que a escola se insere.

«Pelo Oceano, pelo Mar, há “milhas” por explorar»



Contextualização

Os oceanos são grandes porções de água salgada, que separam os continentes e que ocupam, aproximadamente, 71% da superfície da terra. A menção de Yuri Gagarin de que “a terra é azul” se deve à imensa quantidade de água existente no planeta. A divisão mais utilizada para essa área de água é em cinco oceanos: Pacífico, Atlântico, Índico, Glacial Ártico e Glacial Antártico. Nem toda porção de água é chamada de oceano: existem mares, canais, golfos, etc. As diferenças entre cada um deles estão ligadas ao seu formato, local e, no caso do oceano, de sua salinidade. Grande parte dessa área está a mais de 3000 metros de profundidade; portanto, ainda não estão bem explorados. O oceano ainda é uma área que o homem não explorou totalmente.

Os oceanos são importantes para a manutenção da vida, pois afetam no clima. A água absorve o calor do sol e com as correntes quentes e frias do oceano, as temperaturas das regiões litorâneas mudam e também ocorrem chuvas e nevoeiros.

Oceano Pacífico

O **oceano Pacífico** tem esse nome por ser um oceano mais calmo para se navegar do que o Atlântico. Esse “batismo” foi realizado por Fernão Magalhães, navegador português, aproximadamente em 1520. O oceano Pacífico é o maior oceano da terra em extensão com cerca de 180 milhões de km² de massa aquática e representa um terço do planeta. De todos os oceanos é um dos mais profundos e, por isso, um dos menos explorados, tendo mais de 80% de suas águas abaixo de 3000 metros.

Se localiza entre o continente americano, a Austrália, a Ásia e a Antártida. Uma característica “peculiar” do oceano Pacífico é a grande quantidade de vulcões que existem devido à Placa Tectónica do Pacífico, que está ligada às placas tectónicas das Filipinas, Eurasiana, Indiana, Nazca e à placa Norte Americana. Em virtude de todas essas placas juntas, e a sua fricção, muitos vulcões e terremotos acontecem no Oceano Pacífico. Outra grande incidência no Pacífico é a de mares: grandes mares estão ligados ao Pacífico como Mar do Japão, Mar dos Corais, Mar de Java, entre outros.

Oceano Atlântico

O **oceano Atlântico** é o segundo maior oceano do globo e está localizado entre os continentes americanos, africano e europeu, tendo um formato de letra “S”. O seu nome vem da divindade mitológica “Atlas”, um Titã que teria sido o primeiro rei da cidade, também mitológica de Atlântida. Mais tarde, Atlas foi condenado, por Zeus, a carregar os céus eternamente.

O oceano Atlântico ocupa cerca de 17% da superfície da terra e 26% da área ocupada por água no planeta. A sua extensão é cerca de 106.400.000 km². No seu interior existe a cordilheira meso-oceânica, resultante do atrito entre as placas tectónicas sul-americanas e da placa Africana.

Apesar de não ser o maior oceano, é o que está ligado a mais países, inclusive o Brasil. Por estar ligado às grandes potências da expansão marítima,

ocorrida na revolução comercial no século XV até XVIII, foi o oceano navegado para as primeiras rotas comerciais existentes, como a de Portugal às Índias e ao Brasil.

De todos os oceanos é o mais salgado, o segundo em extensão e o que banha mais países. As temperaturas mais altas desse oceano ficam perto do Equador e chegam a 30°C, já as mais baixas giram em torno de -2°C, no inverno, próximo ao oceano Antártico. Sua maior profundidade se localiza na Fossa de Porto Rico, alcançando 8.605 metros.

Oceano Índico

O terceiro maior oceano do mundo é o **Índico**. Está localizado entre o continente africano, asiático, antártico e também com Austrália e Indonésia. Tem uma área aproximada de 73.556.000 km², menos da metade da área do maior Oceano, o Pacífico. Sua maior profundidade é de cerca de 7.455 metros, localizada na **fossa de Java**. Sua temperatura mais alta está registada na área do Golfo Pérsico e Mar Vermelho, chegando aos 32° C. Já as temperaturas baixas ficam na divisa com o oceano Antártico, de -1°C.

Este oceano tem elevada importância económica: abastece o consumo de peixes e camarões da Ásia e para exportação, serve de rota para o petróleo vindo do Golfo Pérsico e da Indonésia, a grande quantidade de petróleo que abriga além de muitos minérios que são obtidos nesse oceano. Por ser um oceano bem mais calmo que o Atlântico e do que o Pacífico, é o preferido para se fazer rotas comerciais, já que são mais fáceis de serem navegados.

Oceano Antártico

Sendo composto pelas águas que banham o continente Antártico, o **oceano Antártico** só fica à frente do Oceano Ártico em extensão. São cerca de 20.327.000 km². É o único que consegue rodear todo o planeta, formando um círculo completo. É também o mais “novo”, já que foi reconhecido oficialmente em 2000, pela Organização Hidrográfica Internacional, que determinou seus limites que, inclusive, são os mesmos do tratado Ártico.

Tanto o oceano, como o continente Antártico são usados para fins pacíficos e de pesquisas por países como França, Nova Zelândia, África do Sul, Estados Unidos e Brasil. Abriga mais de 80% da água doce do mundo. A

sua profundidade mais alta está a cerca de 5.000 metros. A sua temperatura média varia entre 10 graus positivos e -2 graus. Devido às suas condições climáticas, o oceano é atingido por tempestades e ventos fortes. As suas águas ainda não foram exploradas completamente.

Um detalhe curioso é que este oceano tem a maior corrente do mundo: a Corrente Circumpolar Antártica, que se move sempre para leste.

Oceano Ártico

O menor é o **Oceano Ártico**. Está localizado no hemisfério norte entre os países: Canadá, Noruega, Suécia, Finlândia, Islândia e Rússia. A sua maior profundidade é de 4 km, sendo o mais raso entre os oceanos. Já sua área é de aproximadamente 14.056.000 de km².

Não é tão salgado devido a baixa evaporação que acontece nas áreas à sua volta e pela grande quantidade de água doce que circulam em seu meio. A sua temperatura não varia muito, estando sempre próxima à temperatura de 0°C. Apesar de ser classificado como um oceano, é limitado para pesca e o transporte marítimo, devido às baixas temperaturas.

II - Fundamentação

A equipa do Jardim-Escola direcionará todos os esforços para as seguintes metas:

- Identificar diferentes espécies marinhas e tipos de vestuário típico de profissões ligadas ao mar;
- Descobrir a biodiversidade marinha, suas características, distribuição e adaptações, através dos personagens de um conto (mergulhar com a Menina do Mar);
- Conhecer a fauna e flora dos Oceanos e a anatomia geral de alguns organismos marinhos;
- Introduzir o conceito de poluição marítima e identificar as suas principais causas. Promover a mudança de atitude nas visitas à praia;
- Conhecer algumas espécies marinhas utilizadas na nossa alimentação. Saber que espécies de peixe se encontram ameaçadas e porquê;
- Identificar o tubarão como espécie ameaçada. Suscitar o interesse pela preservação e conservação das espécies;
- Compreender o conceito de fóssil e reconhecer e valorizar o património geológico;
- Compreender que existem diferentes areias marinhas na costa portuguesa e identificá-las com base nas suas características;
- Observar a pintura como um testemunho das descobertas científicas;
- Identificar o papel da arte na representação da biodiversidade marinha;
- Adquirir vocabulário específico sobre o Mar e reforço das competências linguísticas;
- Compreender a importância dos descobrimentos portugueses;
- Incremento da interação com a comunidade;
- Estimulação para a formação contínua, pedagógica e profissional, do pessoal docente e do pessoal não docente tendo em vista a recolha de informação e melhoramento da prática profissional e pedagógica, principalmente ao nível da variedade e da qualidade das estratégias e da diferenciação pedagógica a aplicar nas aulas;

- Fomentação de uma «Escola de Pais» com o intuito de informar/formar/sensibilizar os encarregados de educação para assuntos pedagógicos e sociais que sejam do seu interesse;
- Aumento da participação ativa das crianças nas decisões das atividades escolares a desenvolver durante os próximos anos letivos;
- Aquisição de novos equipamentos de modo a promover a melhoria das práticas pedagógicas.

Com estas metas pretende-se que toda a comunidade educativa valorize mais o Oceano e que fique sensibilizada para a sua preservação; que a «Escola de Pais» se torne uma realidade e que as crianças tenham uma participação cada vez mais ativa nas decisões tomadas ao longo dos anos letivos para que se possa ir ao encontro dos seus gostos e desejos.

Pretende-se, também, que os elementos da equipa pedagógica do Jardim-Escola se tornem executores de práticas de ensino positivas, diversificadas e estimulantes para o desenvolvimento da criatividade e da aprendizagem, com um enfoque especial no ensino experimental.

Este projeto, agora iniciado, sob o título **«Pelo Oceano, pelo mar, há “milhas” por explorar»** terá a duração de três anos e tentaremos, através das várias atividades programadas nos planos anuais de atividades, atingi-las o mais cabalmente possível.

Em cada ano, pretendemos continuar a aumentar o grau de interação entre o Jardim-Escola, os encarregados de educação e a restante comunidade educativa.

III – O Concelho da Figueira da Foz

3.1 - Resenha histórica

Lugar de ocupação humana muito antiga, a Figueira da Foz conheceu um grande crescimento no século XVIII devido ao movimento do porto e ao desenvolvimento da indústria de construção naval.



Foi elevada à categoria de vila em 1771. Continuou a crescer ao longo do século XIX devido à abertura de novas vias de comunicação e à afluência de veraneantes. Em 20 de setembro de 1882, foi elevada à categoria de cidade. Nos finais do século XIX e início do século XX construiu-se o chamado Bairro Novo, de malha regular, onde se instalaram os hotéis, casino, restaurantes e onde se concentra a atividade comercial. Outro local onde a atividade comercial é evidente é a Rua da República, que liga a zona de entrada na cidade (via Estação dos caminhos-de-ferro) à zona mais central da cidade. Nos últimos tempos foram construídos supermercados e hipermercados na zona mais periférica da cidade. Devido às condições naturais e ao equipamento turístico, a Figueira da Foz impôs-se como estância balnear não apenas para a zona centro de Portugal, mas também para famílias abastadas alentejanas e espanholas. A Figueira da Foz é conhecida como a "Rainha das Praias de Portugal".

Foi nesta localidade, o início do século XIX, que desembarcaram as tropas inglesas que vieram ajudar Portugal na luta contra as Invasões Francesas.

Em 1982, ano em que se comemorou o Primeiro Centenário da Elevação a Cidade da Figueira da Foz, foi inaugurada a Ponte Edgar Cardoso, que veio substituir a ponte antiga (que não permitia que embarcações passassem sob si). A nova ponte rapidamente se transformou num ex-líbris da cidade, e é considerada uma das mais bonitas e imponentes do país.

A Torre do Relógio (situada em frente à Esplanada Silva Guimarães, junto à Praia da Claridade) é, igualmente, uma das referências da cidade, bem como o Forte de Santa Catarina. Situa-se também nesta cidade o bonito

Palácio Sotto Mayor, que marca história numa zona mais central da Figueira da Foz. O Parque das Abadias é um dos "pulmões" da cidade e um local de lazer, onde se realizam algumas provas de corta-mato e várias iniciativas com vista a proporcionar momentos agradáveis aos cidadãos do concelho. Este Parque atravessa a cidade ao meio, indo desde a zona norte da cidade até ao Jardim Municipal, que sofreu, recentemente, intervenções de remodelação, que fizeram com que o coreto deixasse de existir.

3.2 - Caracterização do Concelho da Figueira da Foz

3.2.1. – Organização Territorial

A **Figueira da Foz** é uma cidade portuguesa no Distrito de Coimbra, região Centro e sub-região do Baixo Mondego, situada na desembocadura do rio Mondego com o Oceano Atlântico. É a segunda maior cidade do distrito, com cerca de 28 000 habitantes. Conhecida por ser considerada "Rainha da Costa de Prata" por suas praias extensas. Recentemente o Cabo Mondego, um promontório na Serra da Boa Viagem nos arredores da Figueira da Foz, foi declarado Monumento Nacional.



É sede de um município com 378,21 km² de área e 62 125 habitantes (2011), subdividido em 14 freguesias. O município é limitado a norte pelo município de Cantanhede, a leste por Montemor-o-Velho e Soure, a sul por Pombal e a oeste tem litoral no Oceano Atlântico.

A Figueira da Foz fica, portanto, situada no litoral atlântico, junto à foz do Rio Mondego, e é um dos centros turísticos mais importantes de Portugal, com um dos maiores casinos do país e único na região Centro, uma praça de touros, um enorme areal com equipamentos lúdicos e desportivos, onde por diversas vezes se realizam vários eventos.

A maior parte dos veraneantes vêm de Coimbra, Beiras e da Estremadura espanhola.

A população ativa reparte-se entre as várias atividades económicas da região, com destaque para a pesca, indústria vidreira, atividades ligadas ao turismo, construção naval, produção de celulose, indústria de sal e, como não

podia deixar de ser, a agricultura. Mas quase tudo tem a ver com o turismo, sem o qual a cidade morreria.

O território concelhio é atravessado a meio pelo Rio Mondego e da sua rede hidrográfica fazem parte várias ribeiras e cinco lagoas (Salgueiros, Vela, Braças, Corvos e Leirosa). A regularização das margens do rio provocou sérias transformações na prática agrícola.

3.2.2- Organização Administrativa e Social

O sol e a praia constituem os seus principais recursos turísticos. Ligadas por cerca de 4 km de areia fina dourada e um mar multifacetado, oferecem todos os atrativos para



umas férias repousantes, divertidas e agradáveis. A animação é uma constante ao longo das tardes e noites da Figueira da Foz, transformando as ruas em momentos mágicos de alegria e cor.

Um dos encantos da Figueira da Foz é a praia com os seus bares em madeira listrada e a sua extensão de areia branca e macia. Conhecida por “Praia da Claridade”, este vasto areal já era preferido nos finais do Séc. XIX pela classe aristocrática. A Figueira da Foz também se pode orgulhar dos seus múltiplos espaços verdes, que convidam a agradáveis passeios. É o caso do Parque das Abadias, da zona ribeirinha, da Serra da Boa Viagem e das Lagoas de Quiaios e do Bom Sucesso.

3.2.3- Relevo

O Parque Florestal da Serra da Boa Viagem está servido por várias estradas asfaltadas e por inúmeros caminhos florestais em terra batida, sendo a de maior importância estrutural e estruturante a estrada que sobe do Cabo Mondego até ao Abrigo da Montanha e que depois acede à Bandeira, descendo para Quiaios, através do Cruzamento do “Triângulo”, quer por representar a via com maior tráfego, quer por poder marcar uma barreira física que corta o Parque em duas áreas. A rede viária transitável por veículos ligeiros e pesados tem cerca de 26,57 km. A estes caminhos acrescem cerca

de 8.000 m de outros em terra batida, cujo piso só permite a circulação de veículos todo-terreno. Tem inúmeros caminhos pedonais, ciclovias inclusive uma por toda a avenida principal da cidade, onde o visitante poderá observar um rico património natural, arqueológico e paisagístico e variados equipamentos, estando os principais a pouco mais de cinco minutos do centro da cidade.



Na sua periferia localizam-se, na encosta sul, diversos espaços residenciais, no seu lado nascente, a povoação da Serra da Boa Viagem, na encosta Norte uma zona florestal com influência das povoações de Quiaios e da Praia de Quiaios e Murtinheira. Dentro do próprio parque situam-se alguns espaços sensíveis, como sejam as casas de guarda, a capela de Stº Amaro, o Farol do Cabo Mondego e o edifício do Abrigo da Montanha.



O valor de cota mais alta é de 261,88 m, no vértice geodésico da Bandeira. As áreas abaixo dos 100 m são muito reduzidas, representando cerca de 6% da área da Serra. A esmagadora maioria da área situa-se entre os 150 e os 250 metros de altitude, correspondendo a este intervalo o valor de 83,3%, dentro do perímetro. As exposições, a Norte e a Sul são dominantes,

representando cerca de 31% e 22% do total.

A orografia é bastante complexa, sendo que as áreas praticamente planas (declives inferiores a 4%) têm reduzida expressão. As zonas com declive acima dos 25% representam cerca de 20% do total.

A hidrografia é caracterizada pela existência de numerosas linhas de água, que apenas no inverno veiculam água superficial.



O Parque Florestal da Serra da Boa Viagem conta com variados equipamentos de utilização e usufruto públicos, associados às atividades desportivas, de recreio informal e de informação ambiental (Parques Infantis, Parques de Merendas, Restaurante) constituindo-se uma área com enorme valor ecológico para aqueles que procuram um espaço verde, com bonitas paisagens, para passear, para praticar diversos desportos ao ar livre, correr, andar de bicicleta, observar a flora e descobrir a fauna.

3.2.4- Clima

Desde sempre que o clima da Figueira foi um clima temperado. Segundo relatos, pode até dizer-se que é um clima mediterrâneo, no que respeita a temperaturas e à repartição da pluviosidade pelos meses do ano. Por outro lado, a ação reguladora do Atlântico, faz com que as temperaturas não sejam nem demasiado altas, nem demasiado baixas.

De notar que raramente neva na Figueira. No dia 28 de novembro de 1890, os termómetros baixaram aos 1,5 graus negativos, fazendo acontecer o raro fenómeno de cair neve sobre a Figueira. Também a 1 de março de 1909, o mesmo fenómeno aconteceu, bem como a 29 de janeiro de 2006, em que toda a Serra da Boa Viagem ficou coberta de um manto branco.

Celestino Maia defendeu a existência de um microclima da Figueira, definido por três elementos que por *tríade climatológica* – temperatura, humidade e insolação.

As correntes do Golfo que no Inverno correm de sul para norte levam a esta latitude a alta termalidade dos mares tropicais. Em contrapartida, no período estival, a região seria influenciada em simultâneo pelos dois ramos de Corrente que, circulando em sentidos opostos, aí se encontrariam, explicando a relativa temperatura dos verões.

Concluindo, o clima da Figueira é temperado mediterrâneo, influenciado diretamente pelos ventos do quadrante NO., caracterizado pelas fracas amplitudes térmicas e marcado por excelentes condições no domínio da luminosidade.

3.2.5- A costa

A cidade da Figueira da Foz localiza-se na Costa Atlântica de Portugal, na Região Centro, distando cerca de 180 Km de Lisboa, 120 Km do Porto e 40 Km de Coimbra.

O sol e a praia constituem os seus principais recursos turísticos. Ligadas por cerca de 4 km de areia fina dourada e um mar multifacetado, oferecem todos os atrativos para umas férias repousantes, divertidas e agradáveis. A animação é uma constante ao longo das tardes e noites da Figueira da Foz, transformando as ruas em momentos mágicos de alegria e cor.

3.2.6- Estrutura económica

Devido essencialmente à sua localização geográfica, São Julião atingiu o seu auge no século XIV como porto de exportação e importação. Este facto fez com que os estrangeiros cobiçassem o local, que era constantemente saqueado.

O desenvolvimento económico de São Julião da Figueira da Foz provocou a transferência para o local, da Câmara de Tavarede, em 1770. Um ano mais tarde, Figueira era elevada a vila por D. José I.

São Julião da Figueira da Foz é uma terra de praia, o que muito contribuiu para o desenvolvimento do turismo e hotelaria. A conjugar com o magnífico clima, existe a saborosa gastronomia típica, à base de peixe e marisco. Apesar deste facto, as atividades económicas praticadas pelos habitantes de São Julião da Figueira da Foz são bastantes variadas, estando ligadas ao comércio, à indústria, à restauração e, como foi referido anteriormente, à hotelaria e turismo. No entanto, destacam-se bastante as atividades ligadas ao mar, como é o caso da pesca e do comércio marítimo.

3.2.7- Freguesia de S. Julião

São Julião da Figueira da Foz, freguesia onde se inseria o 2.º Jardim-Escola João de Deus foi a freguesia-sede do concelho da Figueira da Foz (incluía a parte central da cidade) e paróquia da Diocese de Coimbra, com 3,89 km² de área e 9 686 habitantes (2011) e com uma densidade de 2 490 hab/km².



Foi extinta em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, tendo o seu território sido agregado à freguesia de Buarcos, para constituir a nova freguesia de Buarcos e São Julião.

O seu Orago é, como o próprio topónimo indica, São Julião, o Hospitaleiro, assim designado por este santo, juntamente com sua esposa, receber e hospedar na sua estalagem, pobres pescadores.

O património histórico e cultural não é muito vasto, no entanto, é de grande beleza arquitetónica e com antecedentes de grande importância. A igreja de São Julião é um dos locais de maior interesse, não só turístico como também histórico.

De grande importância também é a igreja de Santo António, templo do antigo convento de Santo António, que atualmente funciona como lar de terceira idade; este convento foi fundado no século XVI por Frei António de Buarcos, com o apoio de D. João III.

Existem na freguesia muitos outros monumentos, como é o caso da Casa do Paço, de meados do século XVII, o forte de Santa Catarina, datado do século XVI, o Pelourinho da Figueira da Foz, o cemitério dos Ingleses, o

Palácio Sotto Mayor, e ainda o Museu Municipal Dr. Santos Rocha, o Coliseu Figueirense e o Casino Peninsular.

IV - A Associação de Jardins-Escolas João de Deus

Um Modelo Humanista

O 2.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz pertence à Associação de Jardins-Escolas João de Deus, sucedânea da Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, que alfabetizou entre 1882 e 1920 cerca de 28 mil adultos e crianças. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social, devotada ao serviço da educação do povo e da criança portuguesa.

A Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus foi fundada por Casimiro Freire em 1882, época em que o índice de analfabetismo das classes trabalhadoras rondava cerca de 87%. Acompanharam-no nessa iniciativa algumas personalidades destacadas desse tempo como João de Barros, Bernardino Machado, Jaime Magalhães Lima, Francisco Teixeira de Queiroz, Ana de Castro Osório, Homem Cristo, entre outros.

Em 1908 por proposta de João de Deus Ramos, filho do poeta-educador, passou a designar-se “Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, Bibliotecas Ambulantes e Jardins-Escolas”.

Começa, então, a sentir-se a necessidade de dar carácter mais fixo, mais amplo e perdurável à obra de instrução levada a cabo e, em 1911, João de Deus Ramos funda em Coimbra o primeiro Jardim-Escola João de Deus. Cerca de metade da verba que se despendeu nesta realização foi conseguida pelo Orfeão Académico de Coimbra dirigido por António Joyce. E esse exemplo frutificou. Até 1953, data do seu falecimento, João de Deus Ramos criou onze jardins-escolas, continuando infatigavelmente a missão educativa da Associação.

Em 1917, foi inaugurado o Museu João de Deus, projeto de escola-monumento (da autoria de Raul Lino e hoje classificado património municipal), ao qual se associaram numerosos intelectuais e artistas dessa época, entre os quais João de Barros e Afonso Lopes Vieira.

Jaime Cortesão que considerava a Associação de Jardins-Escolas dos melhores legados da 1ª República escrevia: “O culto de João de Deus, esse, é mais íntimo, mas não menos fecundo. Em volta do nome do grande lírico, autor

da “Cartilha Maternal”, juntaram-se muitos professores, intelectuais, artistas e construtores que lançam os verdadeiros alicerces da Pátria”.

A partir de 1920, a Associação de Jardins-Escolas João de Deus enriqueceu o número de alfabetizados por aquele Método com mais cento e trinta e cinco mil e seiscentas e quarenta crianças. Nesse ano, iniciou-se o primeiro ano de formação de educadores de infância, mas só em 1943 seria fundado, com carácter sistemático, o primeiro Curso de Didática Pré-Primária (designação de João de Deus Ramos). Vinte anos depois, começa a funcionar um Curso de Auxiliares de Educação Infantil (que viria a ser extinto em 1980), no intuito de evitar que as crianças estivessem entregues a vigilantes sem preparação especializada.

Exemplo de respeito pela obra desta instituição, dedicada à educação e à Cultura, é, sem sombra de dúvida, a atitude de um dos principais apóstolos do salazarismo, o ministro Carneiro Pacheco, que em 1936, decretou o encerramento das escolas do Magistério Primário, mas não se atreveu, dado o peso e o reconhecimento públicos desta instituição, a encerrá-la, reconhecendo, por Decreto-Lei de 15 de agosto de 1936, o seu respeitoso projeto de responsabilidade e honestidade.

Foi este o reconhecimento público do trabalho de João de Deus Ramos, que de si próprio dizia ironicamente: depois de João Sem-Medo e de João Sem-Terra, eis aqui o João Sem-Nome. Era nesta modéstia, que se revia o pedagogo que já à época defendia: “É preciso que o povo saiba ler e escrever, é preciso motivar os políticos para a execução desses princípios”. Eleito deputado por duas vezes (em 1913 e 1915), João de Deus Ramos exerceu ainda os cargos de Governador Civil, de Ministro da Instrução Pública e de Ministro do Trabalho.

A 9 de novembro de 1988 o Decreto-Lei n.º 408/88 autoriza a criação da Escola Superior de Educação João de Deus com os Cursos de Educadores de Infância e de Professores do Ensino Básico 1.ºCiclo. Aos quais se juntaram os CESES em Investigação em Educação, Gestão Escolar e Desenvolvimento Pessoal e Social.

A Associação de Jardins-Escolas João de Deus e a Escola Superior de Educação João de Deus tem ao seu serviço mais de mil pessoas, entre

educadores, professores, auxiliares de educação e outros colaboradores, cuja atividade se reparte pelos centros infantis, jardins-escolas, ludotecas e museus. Desde a fundação das Escolas Móveis pelo Método João de Deus e posteriormente dos jardins-escolas com o mesmo nome já foram matriculadas cerca de 200.000 crianças.

A fase etária da frequência escolar faz-se entre os 4 meses e os 10 anos. Estes alunos recebem duas refeições diárias e as quotizações são estudadas para custarem um mínimo de encargos aos pais e encarregados de educação e de acordo com o rendimento do seu agregado familiar.

A Associação de Jardins-Escolas João de Deus organiza, periodicamente, em geral todos os anos, reciclagens e visitas de estudo a centros educativos em Portugal e no estrangeiro, procurando assim manter os seus métodos a um nível europeu.

Recordando João de Deus Ramos, terminaremos com palavras suas:

“São assim os Jardins-Escolas João de Deus, modelo português de escola Pré-Primária que muito me orgulho de poder legar à minha Pátria.”

V – Método João de Deus

O que é hoje o Método João de Deus deve-se, em grande medida, às ideias pedagógicas do poeta João de Deus (1830/1896), do seu principal mentor João de Deus Ramos (1878/1956), de sua filha Maria da Luz Ponces de Carvalho (1916/1999) e de todos aqueles que, ao longo destes anos, têm colaborado, com tanta dedicação e amor, na obra educativa e cultural dos Jardins-Escolas João de Deus.

Os seus conhecimentos, as suas experiências, bem como as muitas viagens de estudo que temos realizado por todo o mundo, contribuíram decisivamente para o sucesso do que continuamos a denominar por Método João de Deus.

5.1 - João de Deus Ramos e a sua época

Nascido no final do século XIX, nos anos 70, anos estes que viram nascer inúmeras personalidades eminentes em matéria de educação, João de Deus Ramos é também um homem da primeira metade do século seguinte, que costumava apelidar, carinhosamente, de «o século da criança».

É a época brilhante da Escola Nova, movimento a favor de uma infância mais compreendida e feliz, que tem também um eco em Portugal.

João de Deus Ramos admirava intensamente os educadores ligados à Escola Nova, sobretudo A. Ferrière: as suas ideias e a sua obra permitem considerá-lo o representante português desta escola (1).

Seguia Ferrière, mas queria produzir uma obra original e portuguesa. Afirmava, frequentemente: «Rejeito toda a cópia servil do que se faz no estrangeiro, à exceção, contudo, daquilo que é universalmente adotável ou adaptável».

Muito consciente, já na sua época, da preservação da identidade cultural e dos valores próprios de cada nação, adorava citar o escritor português Almeida Garrett “Nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional”.

(1) João de Deus Ramos, para além dos Jardins-Escolas João de Deus, fundou no Estoril, em 1928, com João Soares (pai do antigo Presidente da República Portuguesa, Mário Soares) uma grande escola primária e secundária, que se inspirou no exemplo da escola de Roches, de E. Demolins. O projeto era inovador e muito interessante: o «Bairro Escolar». Os alunos internos eram numerosos nesta época. O ensino secundário não estava muito divulgado e muitas crianças e adolescentes teriam que prosseguir os seus estudos dentro do internato. Dentro do «Bairro Escolar» existiu um centro pré-escolar e uma escola

primária, um liceu e as vivendas onde as crianças viviam como em família, dormindo em quartos de duas e três camas. Infelizmente, a empresa não durará mais do que poucos anos, devido a dificuldades financeiras

5.2 - O ambiente

A arquitetura dos primeiros edifícios é de um estilo verdadeiramente nacional, português e até mesmo regional.

João de Deus Ramos considerava que a criança aceitará melhor a escola se a «fisionomia» arquitetural desta se assemelhar à da sua própria casa. A adaptação faz-se assim mais facilmente e atenta-se, também, a que a escola seja à escala da criança, para que esta se sinta como em sua casa.

João de Deus Ramos preocupava-se muito com o edifício: rejeitava os corredores longos e as escadas, aconselhava cores suaves, janelas grandes, espaço suficiente, mas não demasiado. A decoração era confiada a artistas, mas deveria ser discreta.

O edifício deveria ser circundado por um jardim, sem vizinhos demasiado próximos; as janelas permitiriam uma ligação com a natureza, as árvores, o céu. O jardim, segundo ele, devia ser seis vezes maior que o edifício, para permitir a realização de atividades em pleno ar livre e mesmo, por vezes, o cultivo de legumes e flores. Que alegria no dia em que se comem as maçãs que vimos crescer! E que lição bem aprendida!

A pedagogia fala muito da escola ativa e da importância da criação de um ambiente rico e de bom gosto estimulando o espírito da criança e o seu sentido de harmonia e equilíbrio.

João de Deus Ramos já estava dentro do movimento das ideias atuais: preservação da identidade cultural, necessidade de cuidar e preparar convenientemente o ambiente, tanto sobre o seu plano físico como nos seus aspetos humano e cultural.

No plano físico, pretendia um ambiente muito alegre, luminoso e florido. Aceita a ideia de Froebel e o nome de «Kindergarten» (Jardim de Infância), não como uma imagem retórica, mas como uma necessidade de ligação entre a natureza e a criança. Não se trata de comparar a criança a uma flor, mas de constatar o entusiasmo das crianças perante as flores. O nome froebeliano de jardim-escola evoca isto.

Os animais? Não, dado que não podemos tê-los presos e mal alojados na escola. Os animais poderão sofrer e a criança não pode sentir-se culpada

por esta situação de sofrimento de outros seres. Será prejudicial na formação da sua sensibilidade.

Por vezes, um pequeno peixinho vermelho, ou outro animalzinho já nascido em cativeiro, poderá dar uma nota de cor e movimento dentro da sala de aula. Poder-se-á fazer criação de bichos-da-seda. Para os alimentar será necessário que exista uma amoreira no jardim.

João de Deus Ramos estimava que estas ideias eram muito importantes e, pode crer-se que, verdadeiramente o são, dado que as crianças amam a sua escola e estão felizes dentro deste ambiente, nos planos educativo e humano.

5.3 - Escola e sociedade

Segundo João de Deus Ramos, a escola devia ter a imagem da sociedade desde a Creche.

Democrata, pretendia acabar com as escolas de elites, mas, em 1911, ano de abertura do primeiro Jardim-Escola João de Deus, o país saía da monarquia e as suas ideias não iriam encontrar mais que um pequeno eco.

Não aceitava mais discriminação política na escola. A escola para todos, ricos ou pobres, de todas as raças, de todas as crenças religiosas ou políticas. Um bibe aos quadrados, cada idade com a sua própria cor esbate as diferenças de traje que, à época, eram por vezes muito acentuadas.

Todos os alunos deviam almoçar na escola, o que, segundo João de Deus Ramos, poupava o cansaço das deslocações e favorecia a socialização e hábitos alimentares saudáveis. Tudo era explicado: o que se comia, as razões de uma alimentação variada...

João de Deus Ramos desejava que se cultivassem na escola verdadeiros laços de fraternidade e solidariedade. Preconizava uma disciplina muito doce, sem prémios nem castigos. Esta disciplina, a que chamava de «ativa», devia ser o mais possível orientada como uma verdadeira educação cívica.

As próprias crianças organizavam a vida na escola, os jogos, as refeições.

5.4 - Educação moral

A disciplina, compreendida como o modo de viver bem consigo mesmo e com os outros, era mantida sem prémios nem punições e contribuía para a formação do carácter. «Sem prémios»: são fonte de vaidade e de inveja e deturpam o verdadeiro sentido do dever. «Sem punições»: prejudicam o desenvolvimento da dignidade humana e, na maior parte das vezes, são aplicadas sem que a criança tenha consciência de ter cometido o erro.

Como Rousseau, João de Deus Ramos acreditava que a criança nasce boa. É necessário defendê-la e compreendê-la. Aqueles que trabalham e se comportam bem, merecem elogios e carinhos. A estimulação é necessária, mas o termo de comparação, para a criança, é ela própria.

Em caso de um mau trabalho ou de problemas de conduta, devem estudar-se cuidadosamente os motivos e, eventualmente, permitir que a criança sofra as consequências dos seus atos, não como um castigo imposto, mas como um efeito natural, que poderá interiorizar, uma lição válida que lhe servirá de futuro. Sempre o raciocínio e a lógica ao nível da compreensão das crianças.

Por exemplo:

É preguiçoso? Não existe preguiça sem motivo. Como está de saúde, que métodos de ensino lhe são aplicados, sente-se apoiado mental e afetivamente? Será que os trabalhos que lhe são pedidos estão de acordo com o seu próprio ritmo?

A atitude de João de Deus Ramos em face de problemas como o roubo, a mentira, a agressividade, era sempre muito coerente. É preciso melhorar e saber melhorar, mas não punir. É necessário dar a conhecer o gosto pelo bem e pelo fazer o bem, pondo-se à escala da criança e com amor.

Já em 1911, João de Deus Ramos pensava mais na educação do que na instrução; é uma ideia corrente nos nossos dias, mas não no início do século.

Na base da sua metodologia existia sempre uma ideia de simpatia, no real sentido da palavra: simpatia como convergência de pontos de vista e,

mesmo, de sentimentos. Um ambiente de simpatia cria o meio ideal, a firmeza e a calma, tão importantes para dar à criança um sentimento de segurança.

As crianças mantêm-se calmas se estiverem ocupadas e se sentirem prazer nas tarefas que executam, mesmo que estas sejam trabalhosas. É necessário que o trabalho seja amado e respeitado, daí que o apresentemos de uma forma atraente, a fim que se possa gostar dele como se gosta de um jogo.

Era um traço que definia muito bem o carácter de João de Deus Ramos, o infinito respeito pela criança. O respeito pela criança é frequentemente proclamado, quase sempre mais na teoria do que na prática, mas João de Deus Ramos não respeitava somente a infância, respeitava cada criança.

Contemporâneo de Decroly e de Maria Montessori, João de Deus Ramos foi o instigador, em Portugal, de um movimento de interesse pelas crianças com menos de seis anos.

Na sua época e em Portugal, raramente as crianças saíam da casa familiar para frequentar um centro escolar antes dos quatro anos.

Tenta-se oferecer às crianças um ambiente familiar, favorável ao seu desenvolvimento: os jogos, as canções, a rítmica com arcos e bolas, os cálculos, as histórias, a casa das bonecas, os jogos simbólicos.

João de Deus Ramos, como todos os pedagogos daquela época valorizava os jogos, em matéria de educação. Mas aconselhava a escolhê-los bem.

Aos quatro anos, e sem que a fature, traça-se para a criança um programa muito alegre e harmonioso, que fará apreender bons hábitos e favorecerá a sua integração no grupo.

5.5 - Enquadramento teórico

Que aspetos mais importantes desenvolver, com quatro anos de idade, segundo a psicologia e pedagogia, a nível das aquisições de base?

A educação percetiva, a motricidade e a educação verbal, são aspetos muito importantes. A educação percetiva começa desde o berço e, quase podemos dizer, é de grande valor para o indivíduo. Não se trata de «afinar» os sentidos, mas sim de saber utilizá-los melhor.

Na educação perçetiva trabalha-se sobretudo a visão e a audição, os dois sentidos que permitem as aquisições mais espirituais e até mesmo estéticas. Trata-se de estimular o gosto, de observar, de criar o senso do belo e da harmonia, de melhor perceber os sons graves, os sons agudos, a intensidade dos sons e das sonoridades, o timbre dos instrumentos, etc.

A educação auditiva permite uma iniciação musical que favorece o bom ritmo da leitura. É com base na educação visual e auditiva que se pode falar, na escola, de uma educação através da arte.

Não se refere muito os outros sentidos; devem ser localizados, mas não têm a mesma importância.

5.6 - As práticas

Com a visão e audição poder-se-á traçar um alegre programa de educação auditiva e musical. Na escola cantam-se e dançam-se canções infantis e populares, todos os dias. Como o jogo, tenta-se preservar os valores tradicionais.

Aos quatro anos, as crianças desenham sobre grandes folhas com lápis de cera. Desenham livremente, assim como modelam pastas variadas, mas sobretudo barro. A criatividade da criança é estimulada de várias formas.

Depois de ter ensinado as crianças a observar e a entender, são incitadas a exprimir-se: por gestos, pelo corpo, pelo desenho, mas sobretudo oralmente.

A expressão verbal e não verbal é privilegiada; trabalha-se a linguagem e a expressão oral através do diálogo, das histórias, dos contos, das contas, das pequenas poesias, das pequenas dramatizações e marionetas.

Um programa batizado de «Tema de Vida» – que se chamava «lições das coisas», no tempo de João de Deus Ramos - contribui muito para o alargamento do léxico passivo e sobretudo do léxico ativo da criança. Este programa representa um dos aspetos mais originais da pedagogia de João de Deus Ramos. Aquilo que se pretende não é somente que a criança saiba as coisas, mas sobretudo que as compreenda, que possa estar em sintonia e em empatia com o que a rodeia.

A criança deve abordar o seu conhecimento como indivíduo e conhecer o seu corpo, ter uma ideia do seu esquema corporal. De seguida, deve tomar consciência da sua integração temporal, adquirir a ideia do hoje, do ontem e do amanhã. Para isto, damos-lhe uma referência, uma unidade de tempo: a mais simples é o dia. E recorreremos à clássica experiência da bola que gira em torno de si mesma e à volta de uma fonte de luz.

Fala-se do que a rodeia: o que é sólido, líquido, gasoso. Fazem-se experiências. Depois fala-se das grandes famílias do nosso planeta: os minerais, as plantas, os animais. Tudo é apresentado como exemplos vivos, diapositivos, filmes, imagens.

As lições não são feitas sob a forma de exposições orais, mas sim de diálogos através dos quais a criança deve observar, descobrir e descrever. Sempre que possível, o objeto é observado diretamente ou através de lupas e microscópios, tocado, sentido e eventualmente provado. São realizadas experiências de molde a estimular o espírito científico. As formas, as qualidades são designadas com rigor.

A ideia de João de Deus Ramos é a de estabelecer um «currículo» em forma de espiral: os ciclos são concebidos em função da idade das crianças; procura-se abordar o homem como indivíduo e depois como pertencente ao corpo social; finalmente é evocada a ideia de Deus.

Esta ideia de ciclos sucessivos está já contida no termo «enciclopédia». Porém, o que João de Deus Ramos deseja desenvolver não é uma ideia enciclopédica, mas sim uma lógica: relacionar bem é raciocinar bem.

Todas as lições estão ligadas umas às outras, a fim de fortificar a memória e de facilitar a aquisição de conhecimentos.

Aos quatro anos, os jogos contribuem para motivar a leitura, para distinguir a esquerda e a direita e estimular o desenvolvimento motor: sequências de imagens, palavras afixadas para designar os objetos circundantes, livros em local acessível, histórias lidas pelo educador.

As crianças também ditam frases que a professora escreve e que elas podem ilustrar.

Tem-se um grande cuidado com a introdução da matemática e esta é associada à vida prática da criança: há três degraus para subir; eu tenho três

bombons, tu tens um a mais; eu joguei cinco vezes com a minha bola, entre outras situações.

Estas situações constituem uma base de trabalho. João de Deus Ramos, como outros pedagogos da época, aconselha a começar pela noção de «unidade». É um bom ponto de partida.

Os conceitos devem ser postos em prática através dos jogos e de materiais simples de encontrar e manipular.

Recorre-se, também, aos jogos de Froebel, para interiorizar situações muito concretas, que estimulam a criança a contar e a fazer pequenas operações ligadas ao quotidiano. Têm à disposição ateliês de jogos de ação – uma mercearia ou armazéns onde se utilizam a moeda e uma balança, onde se comparam pesos e volumes, onde se pode empacotar e embrulhar os volumes, o que é um excelente exercício de motricidade fina.

O espaço está dividido em cantos: um canto das plantas, um dos jogos, outro da casinha, outro do médico, entre outros.

Cada sala possui uma biblioteca: as crianças podem ver as imagens, sentadas em almofadas e o acesso aos livros é muito fácil.

Ouve-se música, fazem-se jogos tradicionais ou livres, de preferência ao ar livre.

A criança gosta e aceita bem este programa variado, que contribui para a formação da sua personalidade. Procura-se que a criança seja calma, organizada, curiosa e recetiva.

João de Deus Ramos considerava a idade de 5 anos como muito importante para a formação do indivíduo. É como uma idade de transição, já não se encontra na fase pré-escolar, mas ainda não chegou ao 1.ºCiclo: é um degrau a subir, uma fase «pré-elementar», «pré-primária», como ele lhe chamava.

Praticam-se jogos, as «lições das coisas», fazem-se desenhos, mas a matemática é mais avançada e inicia-se de uma forma muito racional e lúdica a leitura e a escrita.

João de Deus Ramos pensava, como os pedagogos de hoje, que aguardar por uma grande maturidade para aprender a ler é como esperar por ter músculos para começar a cultura física. É o exercício que contribui para a maturação mental requisitada.

É também muito importante, adaptar-se ao ritmo da criança sem a sobrecarregar, para a fazer alcançar o programa preestabelecido. É necessário fazer com que a criança aprenda agradavelmente, passo a passo, como num jogo. Isto põe a questão central das aprendizagens de base e de qual o momento ideal para começar o processo de preparação.

O insucesso escolar, e mesmo profissional, poderá estar ligado a uma preparação escolar tardia e mal estruturada. É preciso compreender a palavra «aprendizagem» como conotada pelas noções de estimulação e de iniciação. A aprendizagem é vista não somente como aquisição de conhecimentos, mas, sobretudo, como exercício de faculdades.

Assim pensava João de Deus Ramos e os resultados deram-lhe razão. É necessário começar a adquirir as competências aos 5 anos e a aprendizagem da leitura é um bom ponto de partida.

A escolha de um método é essencial, método que permita o desenvolvimento das estruturas mentais da criança. Nos Jardins-Escolas - «A Cartilha Maternal».

Os resultados são surpreendentes: as crianças aprendem a ler geralmente em 90 lições e o insucesso escolar é quase inexistente.

O método utiliza estratégias de leitura do tipo «Bottom-up», em sinergia com estratégias do tipo «Top-down», baseado na unidade global da palavra – considera-a como a ferramenta linguística que permite o dinamismo verbal.

É também um método que apresenta as dificuldades da Língua Portuguesa segundo uma progressão pedagógica e que constitui um verdadeiro estudo da Língua.

João de Deus Ramos considerava a aprendizagem da leitura e da escrita como o desenrolar natural da educação pré-escolar: depois do ensino do código oral, a criança pode ser iniciada ao código escrito, que lhe permite aceder à cultura. Estas duas aquisições deverão então constituir uma unidade e não revelar duas escolas diferentes – a creche e a escola primária – como é habitual nos nossos sistemas escolares.

Escreveu muito pouco, porque acreditava que, em pedagogia, as ideias são facilmente ultrapassadas e que é necessário viver com o seu tempo. Adorava transmitir as suas ideias às suas alunas, afetosamente por ele consideradas como suas «discípulas».

Depois da morte de João de Deus Ramos, foram introduzidas algumas alterações necessárias, como por exemplo, o material Cuisenaire e os Blocos Lógicos de Dienes, e um material de um professor português, João Nabais, chamado Calculadores Multibásicos, excelentes para aprender a fazer operações sobre outras bases que não a base 10. Na época dos computadores é preciso trabalhar bem na base 2 ou 9.

A paz, o interculturalismo e a integração das crianças diferentes são tidos em conta desde as classes pré-escolares.

Adaptação de um texto do bisneto de João de Deus
António de Deus Ponces de Carvalho

VI - O 2º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz

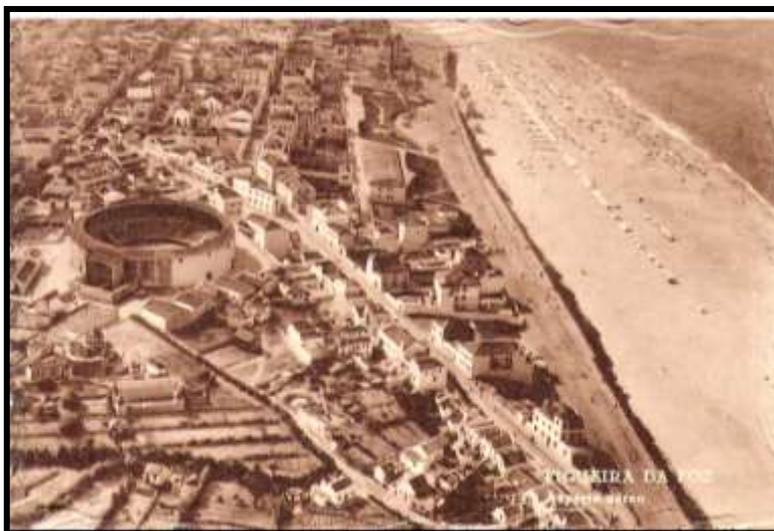
6.1 – Caracterização do meio envolvente

A Figueira da Foz, cidade do Mondego, pertence ao distrito de Coimbra e situa-se no ângulo Norte da foz do Mondego, marginando o estuário e o Oceano Atlântico. A nível cultural e recreativo possui Grupos Corais, Associações Desportivas, Dramáticas, Teatros, salas de Cinema, Casino, Centro de Artes e Espetáculos, Grupos Etnográficos, Ranchos Folclóricos, Filarmónicas, Praça de Touros, Instalações Desportivas, Pistas de Remo, Campos de Ténis, Polivalentes, Piscinas, diversos Clubes, coletividades e Parques Infantis.

No Concelho da Figueira da Foz existem quatro Agrupamentos de Escolas (Figueira Mar, Figueira Norte, Zona Urbana, Paião), uma Escola Secundária não agrupada e uma Escola Profissional.

6.2 – Criação do Jardim-Escola

Até à década de 50, altura em que foi construído o Jardim-Escola, esta área era uma zona de cultivo, com várias hortas e um pequeno aglomerado de casebres, chamado de “Casal Duarte Silva”, onde viviam as pessoas que cultivavam estes terrenos. Segundo fonte



Vista aérea da Figueira da Foz Antiga – destaque para a área dos terrenos de cultivo existentes no espaço onde foi construído o 2º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz (canto inferior esquerdo)

local, este terreno era cultivado pela D^a. Natividade e seu marido. A dada altura esta área foi fracionada. A parte que pertencia à D^a. Ana Duarte Silva (tia do antigo presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz – Eng. Duarte Silva) foi carinhosamente doada à Associação de Jardins-Escola João de Deus para

que aí se edificasse um novo Jardim-Escola que ampliasse a ação educativa do 1.º Jardim-Escola João de Deus sito na mesma cidade.

A dada altura, formou-se uma comissão constituída pelos Srs. Dr. Manuel Gaspar de Lemos, José Ribeiro, Maurício Pinto, Dr. Artur Beja e Jaime Viana, que tornou possível a realização deste empreendimento. O projeto da parte da construção civil da obra deu entrada na Direção de Urbanização do Distrito de Coimbra a 18 de setembro de 1952. Porém este projeto foi “chumbado” pelo facto de não constarem os estudos sobre a eletricidade, aquecimento, esgotos, etc, obrigando à modificação do mesmo. Após as respetivas alterações, o projeto foi aprovado, tendo-se dado início à construção deste Jardim-Escola no ano de 1954. Segundo um “Documentário da Atividade” da própria Associação de Jardins-Escola João de Deus, datado de 1956, a obra já se encontrava em fase muito adiantada.

O projeto do Jardim-Escola importou em 600 contos e foi da autoria do arquiteto Raul Lino, tendo sido encarregado da sua construção o construtor civil figueirense, Sr. António Rodrigues Pinto.

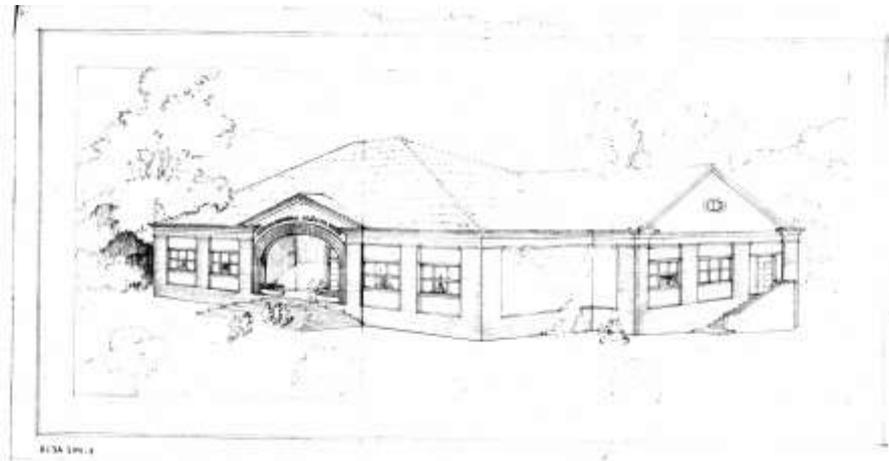
A 12 de Outubro de 1958 foi então inaugurado o 2.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz.

À sessão solene inaugural presidiu o Sr. Dr. Adelino Pedrosa Veríssimo, em representação do Sr. Governador Civil de Coimbra.

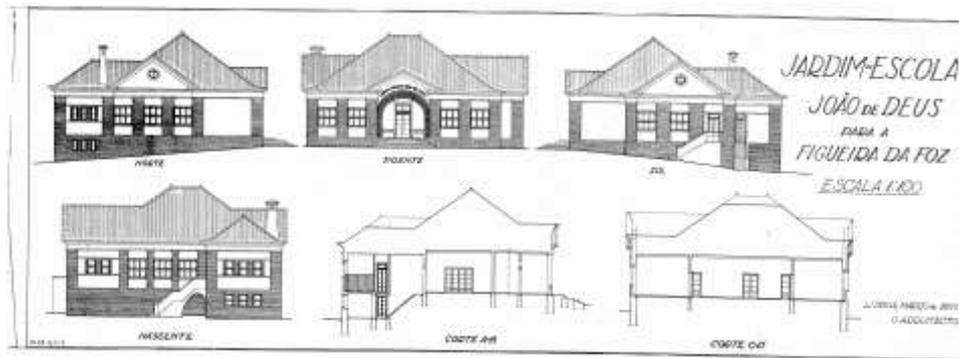
Usaram da palavra os Srs. Drs. Gaspar de Lemos, António Emílio de Magalhães (da Liga da Profilaxia Social) e Jaime Lopes Dias (da Associação de Jardins Escolas João de Deus), que puseram em destaque o valor cultural daqueles estabelecimentos de ensino e salientaram ainda os valiosos auxílios prestados pela Câmara Municipal e particulares em que se distinguiram os Srs. Comendadores Mário Barraca e Luís Gonçalves Santiago, Empresa Vidreira da Fontela e Companhia do Cabo Mondego. Por fim, discursou o Sr. Dr. Adelino Pedrosa Veríssimo, Presidente interino da Câmara Municipal que se congratulou com a inauguração do novo Jardim-Escola - o terceiro construído no concelho da Figueira da Foz.

6.3 – Tipologia

Fachada principal do Jardim-Escola



Imagens das várias alçadas do Jardim-Escola



esmerada. As alvenarias são de boa pedra rija em alicerces, com argamassa hidráulica, e de pedra mais macia nas paredes em elevação.

Apresenta cantaria da região em todas as partes tais como: capeamentos, soleiras, degraus, peitoris, ombreiras, vergas, etc. As letras da fachada principal são de cantaria. A cobertura é de telha mecânica de feito português dando a impressão de canudo, mas patinada de cor escura.

A caixilharia é pintada de cor branca, com aros de Siena crua (amarelo queimado); a face interior das beiras é de cor verde azebre vivo. Os madeiramentos de tosco são de pinho escolhido e tratado com induto próprio contra a putrefação e ataque do bicho. Os pavimentos são de ladrilho hidráulico de uma só cor clara nas divisões enxaquetadas; do mesmo material, mas em espinhado e de cor encarnada nas restantes casas, à exceção das aulas e salas de projeções, onde haverá solho de pinho, à inglesa, assente sobre vigamento da mesma madeira, com 0,08 m x 0,20m e à distância máxima de 0,32m. Todas as instalações sanitárias se encontram revestidas a azulejo, sendo as canalizações feitas com grés vidrado nos competentes diâmetros.

Na sala grande, destaca-se uma pintura a toda a volta do quarto superior das paredes, junto à sanca. Esta pintura, orçada em 25 contos (quantia muito avultada na altura), foi feita logo aquando da



construção deste Jardim-Escola por um famoso pintor de arte, vindo propositadamente de Lisboa. Nesta pintura estão representadas várias cenas do quotidiano rural da época.

No recreio da escola existia um telheiro, onde era estendida a roupa, era modelado o barro e, nos dias de chuva, servia de abrigo na hora do recreio. Nesse telheiro existia um pequeno barracão onde eram guardadas as roupas das peças de teatro e as madeiras do palco, que era montado na sala grande, na altura das Festas de Natal.

Este Jardim-Escola abriu com cerca de 50 alunos, distribuídos por três bibes: encarnado, azul e castanho. O grupo de trabalho da altura era formado pela professora regente, D^a Maria Alcina Carranca Babo, pelas educadoras Graciete Figueira Alves Raposo e Maria Fernanda Duarte Lopes, pela cozinheira D^a Hermínia e pelas empregadas auxiliares de limpeza, D^a. Camila e D^a. Cândida. Na altura, quando os alunos chegavam ao Jardim-Escola, tinham nos cacifos da entrada principal umas sapatilhas de pano, que tinham de calçar para poderem entrar na sala grande. As meninas usavam, por cima dos bibes, umas golas grandes brancas, chamadas romeiras. Quando iam para o recreio exterior todas as crianças tinham de usar um chapéu de palha, de abas largas. Nas Festas de Natal, todos os alunos participavam, tendo os alunos do bibe castanho os papéis principais nas representações teatrais. Aos alunos dos outros bibes era-lhes atribuído o papel de figurantes. As roupas para a ocasião eram feitas no próprio Jardim-Escola por costureiras contratadas.

6.4 – Evolução física

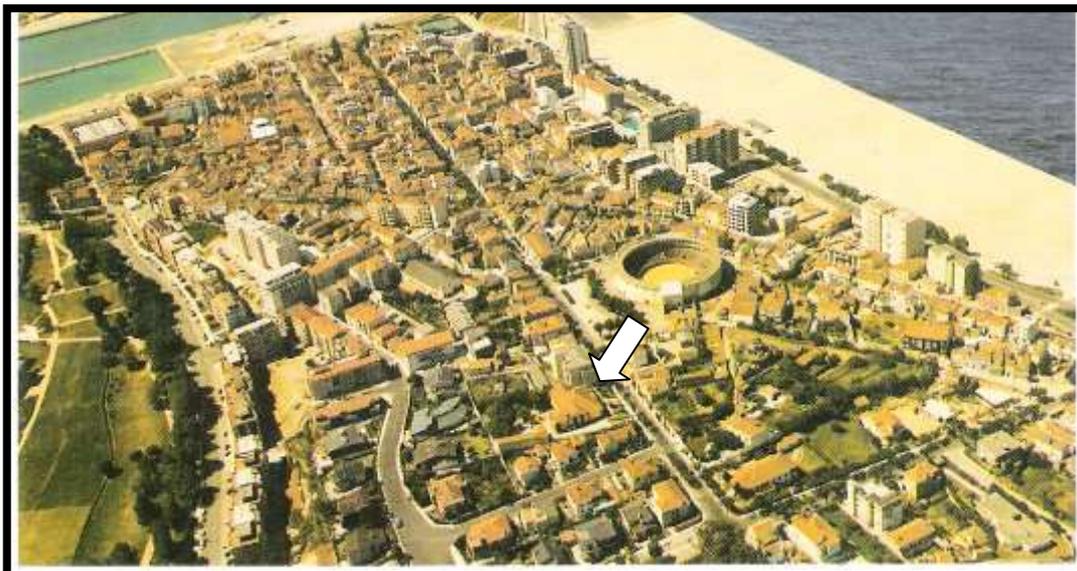


Foto aérea da Figueira da Foz onde se pode ver o 2º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz (conforme indica a seta) 1986



Fachada do edifício do 1º ciclo

A 15 de janeiro de 1989 começou a funcionar o edifício do 1º Ciclo que, entretanto, foi construído nas traseiras do Jardim-Escola.

Em 2004 foram feitas obras de restauração no edifício do Pré-Escolar: ampliação da cozinha e remodelação da cave (uma despensa, uma divisão para engomar e costurar, uma divisão para as arcas e frigorífico, uma casa de banho para o pessoal não docente). Foram ainda remodeladas as

casas de banho dos alunos do Pré - Escolar e construída uma casa de banho

Mais tarde, foi edificado o Centro Infantil João de Deus, cuja inauguração decorreu a 8 de dezembro de 2007, tendo entrado em funcionamento a 14 de janeiro de 2008.



Fachada do Centro Infantil

6.5 – Caracterização física da escola

6.5.1 – Instalações escolares

As valências do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo funcionam em dois edifícios ligados entre si, obedecendo a arquitetura do edifício do Pré-Escolar a um estilo característico e comum a quase todos os Jardins-Escola do País. No edifício do 1.º Ciclo, bem como no Centro Infantil, manteve-se a preocupação em dar continuidade ao estilo arquitetónico latente.

João de Deus Ramos considerava que a criança aceitaria melhor a escola se a «fisionomia» arquitetural desta se assemelhasse à da sua própria casa. A adaptação far-se-ia assim mais facilmente e atentava-se, também, a que a escola fosse à escala da criança, para que esta se sentisse como em sua casa.

João de Deus Ramos preocupava-se muito com o edifício: rejeitava os corredores longos e as escadas, aconselhava cores suaves, janelas grandes, espaço suficiente, mas não demasiado. A decoração era confiada a artistas, mas deveria ser discreta.

O edifício deveria ser circundado por um jardim, sem vizinhos demasiado próximos; as janelas permitiriam uma ligação com a natureza, as árvores, o céu. O jardim, segundo ele, devia ser seis vezes maior que o edifício, para permitir a realização de atividades em pleno ar livre e mesmo, por vezes, o cultivo de legumes e flores.

Este Jardim-Escola, sendo uma Instituição Particular de Solidariedade Social, não pertence a nenhum território educativo de intervenção prioritária, mas inclui no seu horário de funcionamento atividades de tempos livres.

Nele existem 3 valências, havendo 3 turmas na Creche, 3 turmas no Pré-Escolar e 4 turmas no 1.ºCiclo.

O seu regime de funcionamento é normal, decorrendo as atividades da Creche entre as 8h e as 19h, no Pré-Escolar entre as 9h e as 12h00m, de manhã e as 14h00m e as 16h30m, de tarde. As do 1.º Ciclo decorrem entre as 9h e as 13h, de manhã e as 14h30m e as 17h, de tarde.

A abertura faz-se às 8h e o encerramento às 19h, diariamente e para todas as valências, para que se possa dar maior apoio às famílias das crianças.

Centro Infantil João de Deus

É constituído por 1 berçário (28,77m²) ligado a 1 sala de atividades (38,05m²), destinado aos bebés (dos 4 aos 12 meses), com fraldário (5,78m²); 1 sala para as crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses - Bibe Azul-Turquesa - (42,97m²) com fraldário (7,04m²); 1 sala destinada às crianças dos 2 anos - Bibe Verde Alface - (51,25m²) com respetivo fraldário (10,13m²) e ligação ao pátio exterior; 1 copa (11,57m²); 1 sala de professores (18,15m²) com uma pequena divisão para arquivos (2,91m²); 1 casa de banho para os funcionários (5,00m²) com vestiário (3,30m²); 1 casa de banho para deficientes (5,94m²); 1 hall (29,78m²); 1 passagem exterior com cobertura servindo de ligação ao edifício do 1º Ciclo (18,46m²).

Edifício do Pré-Escolar

É constituído por 1 hall, onde é feito o acolhimento dos alunos das duas valências e a entrega, ao final do dia, dos alunos do pré-escolar (16,79m²); 1 sala grande na qual decorrem as aulas do Bibe Encarnado (121,00m²), onde são dinamizadas atividades (antes e depois da componente letiva) e onde são servidos almoços a alunos do 1.º Ciclo; 1 sala do Bibe Amarelo (41,30m²); 1 sala do Bibe Azul (41,30m²); 1 sala do Bibe Verde Alface (valência de Creche) com respetivo fraldário (46,80m²); 1 biblioteca (18,60m²); 1 refeitório (40,76m²); 3 casas de banho (meninos - 7,59 m²; meninas - 12,22 m², deficientes - 6,82m²); 1 corredor que dá acesso ao edifício do 1º Ciclo e ao pátio da escola (11,39m²); 1 cozinha com escadas de acesso a um piso inferior (32,95m²), onde se encontra: 1 lavandaria (13,31m²), 1 despensa (8,19m²); 1 casa de banho para os funcionários com respetivo vestiário (7,39m²), 1 corredor com

uma porta que dá comunicação ao pátio da escola (9,35m²); 1 sala de arrumos na parte inferior da biblioteca com acesso ao pátio (18,60m²).

Edifício do 1.º Ciclo

É constituído por 1 hall (11,39m²) - onde se encontra um armário com os materiais destinados à realização de experiências e um armário com livros escolares e materiais de apoio pedagógico, que dá acesso ao edifício da pré-primária e a todas as salas do 1.º Ciclo; 4 salas de aula, tendo a sala 1 (51,60m²), a sala 2 (42,90m²), a sala 3 (42,90m²) e a sala 4 (36,33m²) de área; 1 sala de Apoio/Biblioteca (22,00m²); 3 casas de banho (meninos - 8,95 m²; meninas - 6,29 m², professores - 4,32 m²), 1 escadas de acesso ao piso inferior, onde se encontra 1 hall (42,90m²) no qual é feita a entrega dos alunos do 1.º Ciclo, ao final do dia; 1 sala de arrumos, 1 salão polivalente (196,04m²), com acesso ao edifício da Creche e ao pátio da escola; 2 casas de banho - meninos e meninas (com cerca de 15,00 m²); 1 sala de arrumo do material de educação física (41,30m²), que dá ligação ao palco do salão polivalente.

Alguns dados informativos sobre o Jardim-Escola:

Entidade Patronal: Associação de Jardins-Escolas João de Deus

Presidente: António de Deus Ramos Ponces de Carvalho

Tipo de Instituição: Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS)

Alvará de Utilização n.º: 1597

Contribuinte n.º: 500852006

Endereço: Rua Joaquim Sotto Mayor

Localidade: Figueira da Foz

Código Postal: 3080 – 209

Telefone: 233422773

Fax: 233422775

Email: figueirafoz2@escolasjoaodeus.pt

Direção Regional de Educação: Coimbra

Centro Distrital de Segurança Social: Coimbra

6.5.2 – Recreios

Este Jardim-Escola dispõe de dois espaços de recreio:

- Um pátio situado entre os três edifícios, cujo pavimento é composto por placas de cimento, no qual se realizam os recreios das crianças do ensino Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, onde se encontra um pequeno campo de jogos. Dispõe ainda de um portão de acesso ao espaço referido anteriormente, que serve de entrada aos alunos que frequentam o Centro Infantil;

- Um pátio na parte de trás do Centro Infantil destinado ao recreio destes alunos, que dispõe de um pavimento de placas de piso sintético de 43 mm, um canteiro, uma floreira e um pequeno caramanchão.

6.5.3 – Refeitório

O Jardim-Escola dispõe de um refeitório, com (40,76m²), onde ocorrem os almoços e lanches dos alunos de todo o Pré-Escolar e do 1.º Ciclo.

Este espaço localiza-se no edifício do Pré-Escolar, sendo revestido de azulejos, em tom de azul, com desenhos de animais e frutos, da época da construção deste Jardim-Escola. Foi restaurado aquando das obras efetuadas em 2005, mas manteve-se no entanto a sua arquitetura inicial. Possui duas janelas grandes viradas a Norte e duas portas: uma com acesso à cozinha e outra com acesso à sala grande.

6.5.4 – Secretaria/ Gabinete de Direção

A Secretaria/Gabinete de Direção (18,60m²) situa-se no edifício do Pré-Escolar. Este espaço é o local onde são atendidos/recebidos os pais/encarregados de educação, fornecedores e todas as pessoas que necessitem de tratar de assuntos relacionados com o secretariado e/ou a Direção financeira ou pedagógica.

É um espaço com muita luminosidade, já que dispõe de duas janelas e uma porta para o exterior, com vidro fosco. Para além desta, existe uma outra porta que dá acesso à sala grande.

6.5.5 – Ginásio/Salão Polivalente

O Ginásio/Salão Polivalente localiza-se no piso térreo do edifício do 1.º Ciclo, tendo de área 196,04m². Este espaço tem uma porta de ligação a uma sala de arrumo do material de educação física (41,30m²) que, por sua vez, dá acesso ao palco. É neste Salão Polivalente que decorrem as aulas de Educação Física, as aulas extracurriculares (Ballet, Capoeira, Karaté, Fusion Dance), os recreios em dias de chuva, bem como algumas festas comemorativas.

Trata-se de um espaço amplo e luminoso, com as paredes forradas a madeira, até meio; o chão é em parquet envernizado, havendo numa das paredes um espaldar. Dispõe de três acessos: um para o edifício do centro infantil, outro para o hall do edifício do 1.º Ciclo e um terceiro para o recreio da escola.

6.6 - Caracterização da população escolar

6.6.1 - Pessoal discente

O número de crianças matriculadas, no início da implementação deste projeto, em 2018/2019 é de cerca de 183, distribuídas por 3 turmas da Creche, 3 turmas do Pré-Escolar e 4 turmas do 1.º Ciclo.

As crianças que frequentam este Jardim-Escola revelam diferentes níveis de heterogeneidade: socioeconómico, cultural, cognitivo e comportamental.

Apesar da continuação e até subida do número de crianças pertencentes a famílias carenciadas, cujos pais ou encarregados de educação estão, até, no desemprego, ainda uma boa parte das crianças pertence a um estrato social médio. A maioria das famílias trabalha no setor terciário e as suas habilitações literárias incluem-se maioritariamente no ensino secundário e no ensino superior. O seu ambiente e acompanhamento familiar poderá considerar-se bom.

6.6.2 - Pessoal docente

O pessoal docente desde Jardim-Escola é, maioritariamente, formado na Escola Superior de Educação João de Deus, em Lisboa. Este facto continua a ser uma mais-valia para esta instituição, uma vez que a base do nosso Projeto Educativo é o seguimento das linhas orientadoras do Método João de Deus.

A presidente do Conselho Diretivo e diretora pedagógica leciona há mais de uma década nos Jardins-Escolas João de Deus, o que lhe proporciona alguma experiência que poderá ajudar um pouco mais a prosseguir os objetivos e metas traçados neste projeto. É a representante perante o Instituto da Segurança Social, o Ministério da Educação e demais instituições nos assuntos de carácter geral do Jardim-Escola, em todas as valências; organiza e preside às reuniões de Conselhos de Docentes e do pessoal não docente; pela supervisão e aprovação das ementas, material escolar e material didático; pelas obras a efetuar; pela organização do pessoal docente e não docente e orientadora e supervisora pedagógica do trabalho realizado em todas as valências.

A administrativa é responsável pela secção financeira, contabilística e das encomendas efetuadas ao nível da alimentação.

O corpo docente do Jardim-Escola é constituído, atualmente, por 5 educadoras e 5 professores, estando incluído a diretora pedagógica (já referida anteriormente) e uma professora de apoio. Existem, também, 3 docentes a tempo parcial que lecionam as áreas de Música, Educação Física e Inglês.

O pessoal docente tem a seu cargo a planificação, organização e orientação de todo o trabalho pedagógico e de disciplina das crianças pelas quais são responsáveis.

Continuamos a considerar muito importante manter a estabilidade no corpo docente, não só porque contribui para uma melhor relação pedagógica com as crianças, famílias e restante pessoal, mas também porque contribui para um melhor desenvolvimento e qualidade dos projetos em que o Jardim-Escola estiver envolvido. Essa estabilidade contribuirá, também, para melhor ultrapassar os obstáculos surgidos. Quanto maior é o conhecimento da comunidade educativa e do seu contexto, maior facilidade existirá na tomada de decisões e no estabelecimento das prioridades.

O corpo docente trabalha em grupo nas planificações das atividades, em situações de sala de aula e nos Conselhos de Docentes, quando é feita a avaliação sumativa dos alunos e no planeamento dos projetos comuns a desenvolver. Pensamos que a experiência acumulada ao longo dos anos será também fundamental para atingir as metas propostas. O trabalho em equipa continua a ser uma prioridade neste Jardim-Escola.

6.6.3 - Pessoal não docente

O corpo não docente é constituído, atualmente, por 1 administrativa, 5 ajudantes de ação educativa, 1 cozinheira e 6 auxiliares de serviço geral, que apoiam todas as valências.

As ajudantes de ação educativa são responsáveis pelo apoio às atividades letivas e não letivas, nomeadamente nos serviços de almoços, dormitórios e lanches e, ainda, pelo acompanhamento dos alunos nos recreios e nas entradas e saídas.

A cozinheira é responsável pela elaboração das ementas, pela organização das listas de encomenda dos alimentos, pela preparação das refeições e pela organização e manutenção da limpeza e higiene da cozinha e do refeitório.

As auxiliares de serviço geral são responsáveis pela limpeza e manutenção de todo o espaço físico do Jardim-Escola, interior e exterior. Distribuem e apoiam as rotinas diárias e o pessoal docente, sempre que necessário na organização e distribuição do material didático e nas demais atividades de apoio aos alunos. São, também, responsáveis pela elaboração das listas de encomenda de produtos de manutenção e limpeza.

Continua, também, a ser nosso interesse criar estabilidade do corpo não docente. Para isso contribui, certamente, as reuniões mensais que são feitas com a presença de todo o pessoal docente e pessoal não docente e a experiência acumulada ao longo dos anos.

6.7 - Organização nos períodos das férias

Durante as férias do Natal, Páscoa e Verão, o Jardim-Escola funciona em regime de rotatividade do corpo docente e não docente para cooperação com os pais/encarregados de educação que não têm com quem deixar os seus filhos, não havendo, no entanto, atividades letivas. Haverá em sua substituição atividades programadas de tempos livres onde os alunos farão: vários ateliês de culinária, de experiências, de pintura e desenho, de plasticina; jogarão e praticarão vários jogos de grupo, tradicionais, desportivos e de sociedade. Estas atividades serão, também, programadas no Plano Anual de Atividades.

Durante os roullements do pessoal docente, estes terão, também, como função realizar as avaliações das crianças, planificar e organizar trabalhos para os períodos seguintes. O pessoal não docente terá como função apoiar o pessoal docente e proceder a limpezas mais profundas e a toda a arrumação dos espaços.

Durante o mês de janeiro, todos os anos, será realizado um inquérito aos pais/encarregados de educação para se saber qual o calendário de frequência das crianças durante as Férias de Verão.

6.8 - Relação entre o Jardim-Escola e a comunidade educativa

Esta relação é feita através de contactos formais em dias e horas pré-estabelecidos pelos membros do Conselho de Docentes, para atendimento aos pais/encarregados de educação a fim de informá-los sobre o processo de aprendizagem dos seus filhos/educandos e as suas relações interpessoais com os colegas, pessoal docente e não docente; e ainda, através de contactos mais informais, diariamente e mais especificamente na Creche, para uma maior partilha de informações sobre o desenvolvimento das crianças.

6.8.1 - Contactos com os pais /encarregados de educação

- No início do ano letivo, sempre que se justifique, realiza-se uma reunião geral para apresentação e discussão das normas do Regulamento Interno;

- No início do ano letivo (1.º período) e do ano civil (2.º período), realiza-se, sempre, uma reunião, por turma, para apresentação: do educador/professor; das principais normas do Regulamento Interno; do calendário escolar; horário de distribuição de atividades; do Projeto Educativo; do Projeto Curricular do Jardim-Escola; do Plano Anual de Atividades e decorrer das atividades letivas;
- Semanalmente há 1h de atendimento individual aos pais/encarregados de educação;
- Semana da Família e dias combinados diretamente com os pais/encarregados de educação, durante os quais os mesmos poderão partilhar histórias, experiências, dar uma aula, etc.;
- Reuniões extraordinárias, sempre que necessário, para tratar de assuntos relacionados com a orgânica e funcionamento do Jardim-Escola, problemas surgidos, avaliação, projetos e outros de interesse comum.

6.8.2 - Projetos/ protocolos/parcerias

Através de projetos, protocolos e parcerias pretendemos manter e ampliar relações com todas as instituições e entidades que queiram trabalhar em parceria com a nossa instituição. É nosso objetivo que daí resulte benefício pedagógico, social, cultural e económico para a nossa comunidade educativa.

Atualmente, os nossos parceiros continuam a ser: Biblioteca Municipal, Câmara Municipal da Figueira da Foz, CDSS (Centro Distrital da Segurança Social) e DGAE (Direção Geral da Administração Escolar), o INTEP, Agrupamento de escolas da Zona Urbana da Figueira da Foz, entidades que têm sido colaboradores importantes no apoio económico, logístico, organizacional e pedagógico.

VII – Intenções educativas do Jardim-Escola

7.1 - Intenções educativas

O principal objetivo do Jardim-Escola é apoiar as crianças e as famílias do concelho da Figueira da Foz e concelhos limítrofes, dentro de uma filosofia comum a todos os Jardins-Escolas João de Deus espalhados pelo país.

7.1.1 – Objetivos

Os principais objetivos do Jardim-Escola são:

- Proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança num clima seguro afetiva e fisicamente;
- Colaborar intimamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança;
- Colaborar eficazmente no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência assegurando o seu encaminhamento adequado.

7.1.2 - Princípios Básicos

Tratando-se de uma obra que se rege pela Metodologia João de Deus, o 2.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz fundamenta a sua pedagogia em três princípios básicos:

- Criar um ambiente harmonioso, de paz e tranquilidade, capaz de fomentar um clima que permita trabalhar em boas condições. Sendo de primordial importância a criação de um ambiente de simpatia, no verdadeiro sentido da palavra, baseado em equilibradas relações entre todos os que aí exercem funções. Essas relações devem ser norteadas por um profundo respeito entre todos e englobará primordialmente a criança. Só assim se fortalece um verdadeiro sentido de escola no seu mais elevado e lato conceito;
- Instituir a tolerância de crenças e convicções, que devem ser respeitadas, quando não colidam com o funcionamento geral da instituição. Este princípio tem a ver com um conceito de liberdade responsável;

- Fomentar o gosto pelo trabalho quando bem distribuído, e permitir a sua realização em boas condições. Este aspeto é muito importante para adultos e crianças e será um dos hábitos que podem favorecer a integração num futuro escolar e profissional evitando possíveis e indesejáveis marginalizações.

O 2.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz enquanto instituição pretende ser inclusiva, respeitando as diferenças e não sacrificando a criança no altar de uma uniformização artificial.

Os princípios base acima referidos representam as condutas gerais que competirão a todos (adultos e crianças) cumprir e respeitar, pois consubstanciam os fundamentos da obra João de Deus.

Deste modo, pretendemos formar e educar cidadãos livres, responsáveis e solidários, membros de uma sociedade que todos desejamos mais justa, feliz, verdadeira e solidária, permitindo-lhes a aquisição das capacidades, conhecimentos e valores que os ajudem a alcançar sucesso na vida.

7.2. – Análise SWOT da organização

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"> - Um corpo docente motivado e prestável; - Reconhecimento da Comunidade pelo trabalho desenvolvido no Jardim-Escola; - Existência de diversas medidas com vista à obtenção de sucesso educativo; - Participação em concursos e projetos que motivam os alunos; - Ensino da Língua Inglesa aos 3 anos; - Estimulação à leitura a partir dos 3 anos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em gerir a indisciplina em algumas faixas etárias; - Dificuldade em aumentar o envolvimento da Comunidade Educativa; - Falta de meios tecnológicos; - Falta de espaços lúdicos no recreio.

- Método específico de aprendizagem da leitura e escrita “Cartilha Maternal”.	
Oportunidades	Constrangimentos
<ul style="list-style-type: none"> - Acordo de cooperação entre o Centro Regional de Segurança Social e a I.P.S.S. – Associação de Jardins-Escolas João de Deus; - Existência de Contratos Simples de Apoio à família; - Imagem positiva do Jardim-Escola na Comunidade Educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - A indisciplina; - Crise de valores; - Crise financeira.

VIII – Ações educativas do Jardim-Escola

8.1 - Ações educativas

8.1.1 - Formação de turmas

Como no Jardim-Escola apenas existe uma turma de cada ano, o critério adotado apenas se cinge às idades das crianças até 31 de dezembro do ano letivo em questão:

- Berçário – 4 meses – 12 meses
- Bibe Azul-Turquesa – 12 meses-24 meses
- Bibe Verde Alface – 24 meses – 36 meses
- Bibe Amarelo - 3 anos
- Bibe Encarnado - 4 anos
- Bibe Azul - 5 anos
- Bibe Castanho – 1.º Ano - 6 anos
- Bibe Verde – 2.º Ano - 7 anos
- 3.º Ano - 8 anos
- 4.º Ano - 9 anos

É nosso objetivo manter as crianças sempre na mesma turma. Na Creche, sempre que a criança revele um desenvolvimento muito diferente dos seus colegas de turma poderá participar nas atividades de outra sala, sempre que as mesmas se adaptarem ao seu desenvolvimento.

No caso de, no 1.ºCiclo, a criança ficar retida, será integrada na turma do ano de escolaridade correspondente ou, por decisão do Conselho de Docentes, na mesma turma.

Habitualmente, o docente não acompanha o mesmo grupo de crianças no ano seguinte.

Sempre que se recebam crianças transferidas de outros Jardins-Escolas João de Deus, estas serão integradas no ano de escolaridade a que pertencem.

8.1.2 - Manuais e material escolar

O regime de avaliação, certificação e adoção de manuais escolares é definido pela Lei n.º47/2006, de 28 de agosto, pelo Decreto-lei n.º5/2014, de 14 de janeiro e pela portaria n.º81/2014, de 9 de abril. A adoção dos manuais escolares é o resultado do processo pelo qual a escola ou o agrupamento de escolas avalia a adequação dos mesmos ao respetivo artigo 16.º da Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, e o artigo 9.º da Portaria n.º 81/2014, de 9 de abril.

Relativamente ao material escolar, todos os anos, é elaborada, em Conselho de Docentes, uma lista específica para cada turma que se pretende que seja equilibrada monetariamente.

8.1.3 – Visitas de estudo

As visitas de estudo são planeadas anualmente, de acordo com o Projeto Educativo, com o Projeto Curricular do Jardim-Escola e com o Projeto Curricular de Turma. Pretende-se que sejam planeadas cuidadosa e equilibradamente, como um complemento das aulas lecionadas nas salas de aula.

No final do ano letivo, os alunos do 4.ºano realizam uma viagem de dois dias, denominada por Viagem de Finalistas, em que os alunos pernoitam uma noite num dos Jardins-Escolas da Associação João de Deus e realizam visitas aos locais mais emblemáticos da região do mesmo.

8.1.4 - Atividades Extracurriculares

Depois das atividades letivas, as crianças podem permanecer no Jardim-Escola. São separados em dois grupos, o da Saída (das 17h às 17h30m) e o do Prolongamento (das 17h30m às 19h). Com cada um dos desses grupos há um educador/professor/ ajudante de ação educativa que organiza e orienta diversas atividades: apoio ao estudo, jogos coletivos e livres, puzzles, Legos, pintura, desenho, recorte e colagem, entre outras.

Há, ainda, atividades extracurriculares dadas por professores que podem ou não, pertencer ao Corpo Docente do Jardim-Escola. Essas

atividades só são frequentadas pelas crianças que nelas se inscrevem especificamente.

8.1.5 - Acompanhamento das crianças

Sempre que um docente falte é substituído pelo docente de apoio, ajudante de ação educativa ou pelo diretor pedagógico. Estes seguem, dentro do possível, as atividades planeadas, que os educadores/professores titulares de turma fariam se estivessem presentes.

8.1.6 - Apoio educativo

Sempre que se verifique necessidade de Apoio Pedagógico Individualizado de uma criança, é comunicado ao Diretor Pedagógico e aos restantes membros do Conselho de Docentes. O docente titular de turma, em conjunto com os docentes de apoio e com o parecer favorável dos Pais/Encarregados de Educação, planifica e organiza atividades individualizadas que visem o desenvolvimento da criança.

No caso de os alunos necessitarem de um apoio educativo mais sistemático, é seguido o Decreto-lei n.º54/2018 “que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa. O presente decreto-lei identifica as medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, as áreas curriculares específicas, bem como os recursos específicos a mobilizar para responder às necessidades educativas de todas e de cada uma das crianças e jovens ao longo do seu percurso escolar, nas diferentes ofertas de educação e formação.”

8.1.6.1 – Princípios orientadores da Educação Inclusiva

São princípios orientadores da Educação Inclusiva:

- a) Educabilidade universal, a assunção de que todas as crianças e alunos têm capacidade de aprendizagem e de desenvolvimento educativo;

- b) Equidade, a garantia de que todas as crianças e alunos têm acesso aos apoios necessários de modo a concretizar o seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento;
- c) Inclusão, o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos;
- d) Personalização, o planeamento educativo centrado no aluno, de modo que as medidas sejam decididas casuisticamente de acordo com as suas necessidades, potencialidades, interesses e preferências, através de uma abordagem multinível;
- e) Flexibilidade, a gestão flexível do currículo, dos espaços e dos tempos escolares, de modo a que a ação educativa nos seus métodos, tempos, instrumentos e atividades possa responder às singularidades de cada um;
- f) Autodeterminação, o respeito pela autonomia pessoal, tomando em consideração não apenas as necessidades do aluno, mas também os seus interesses e preferências, a expressão da sua identidade cultural e linguística, criando oportunidades para o exercício do direito de participação na tomada de decisões;
- g) Envolvimento parental, o direito dos pais ou encarregados de educação à participação e à informação relativamente a todos os aspetos do processo educativo do seu educando;
- h) Interferência mínima, a intervenção técnica e educativa deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação se revele necessária à efetiva promoção do desenvolvimento pessoal e educativo das crianças ou alunos e no respeito pela sua vida privada e familiar.

8.1.7 – Avaliação

8.1.7.1. – Avaliação no Pré-Escolar

A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.

O currículo em Educação de Infância é concedido e desenvolvido pelo Educador, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.

A avaliação assume uma dimensão marcadamente formativa e é um processo contínuo que assenta nos seguintes princípios e de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

- Coerência entre os processos de avaliação e os princípios de gestão do currículo definidos nas orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar;
- Utilização de técnicas e de instrumentos de observação e de registo diversificados que permitam evidenciar o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança, ao longo da frequência na Educação Pré-Escolar, tendo em conta as áreas de conteúdo preconizadas nas orientações curriculares;
- Valorização dos progressos da criança.

8.1.7.2. – Avaliação no 1.º Ciclo

O Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, no que concerne ao 1.º Ciclo determina que:

- 1- “A avaliação, sustentada por uma dimensão formativa, é parte integrante do ensino da aprendizagem, tendo por objetivo central a sua melhoria baseada num processo contínuo de intervenção pedagógica, em que se explicitam, enquanto referenciais, as aprendizagens, os desempenhos esperados e os procedimentos de avaliação.
- 2- Enquanto processo regulador do ensino e da aprendizagem, a avaliação orienta o percurso escolar dos alunos e certifica as aprendizagens realizadas, nomeadamente os conhecimentos adquiridos, bem como as capacidades e atitudes desenvolvidas no âmbito das áreas de competências inscritas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

- 3- Na avaliação devem ser utilizados procedimentos, técnicas e instrumentos diversificados e adequados às finalidades, ao objeto em avaliação, aos destinatários e ao tipo de informação a recolher, que variam em função da diversidade e especificidade do trabalho curricular a desenvolver com os outros.”

Os critérios específicos de avaliação estão presentes nos Regulamentos Internos para o Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico, respetivamente, emanados pela Sede da Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

IX – Metas educativas do Jardim-Escola

9.1- Caracterização das áreas problemáticas

Sentimos a necessidade de nos concentrarmos fortemente, nos próximos três anos na área pedagógica a todos os níveis: de formação de docentes e não docentes; de informação/formação aos/dos pais; de maior autonomia das crianças face às atividades a desenvolver e continuar a apostar na aquisição de equipamento pedagógico e lúdico para que possamos melhorar qualitativamente todo o trabalho desempenhado por todos os que aqui trabalham, pois apesar de todos terem dado o seu melhor sentimos que ainda há muito trabalho a melhorar, na área pedagógica.

9.2- Metas/Objetivos

- Incrementar a interação com a comunidade;
- Estimular a formação contínua, pedagógica e profissional, do pessoal docente e do pessoal não docente tendo em vista a recolha de informação e melhoramento da prática profissional e pedagógica, principalmente ao nível da variedade e da qualidade das estratégias e da diferenciação pedagógica a aplicar nas aulas;
- Fomentar uma «Escola de Pais» com o intuito de informar/formar/sensibilizar os encarregados de educação para assuntos pedagógicos e sociais que sejam do seu interesse;
- Aumentar a participação ativa das crianças nas decisões das atividades escolares a desenvolver durante os anos letivos;
- Continuar a decorar e adquirir novos equipamentos de modo a promover a melhoria das práticas pedagógicas.

X – Disposições finais

10.1- Destinatários

N.º de Alunos	Anos de Escolaridade	Áreas de Estudo
Creche (42)	Creche Berçário - 4-12 meses Bibe Azul-Turquesa -1 ano Bibe Verde Alface -2 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Formação Pessoal e Social • Área de Expressão e Comunicação: <ul style="list-style-type: none"> -Domínio da Educação Física; - Domínio da Educação Artística (subdomínio das Artes Visuais, subdomínio do Jogo Dramático/Teatro; subdomínio da Música, Subdomínio da Dança); • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; • Domínio da Matemática. • Área do Conhecimento do Mundo
Pré-Escolar (60)	Pré-Escolar Bibe Amarelo - 3 anos Bibe Encarnado - 4 anos Bibe Azul - 5 anos	
1º Ciclo (83)	1.º Ciclo Bibe Castanho -1.ºAno – 6 anos Bibe Verde – 2.ºAno - 7 anos 3.ºAno – 8 anos 4.ºAno – 9 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Português • Matemática • Estudo do Meio • História de Portugal • Expressões Artísticas • Educação Física • Inglês

		<ul style="list-style-type: none"> • Apoio ao Estudo • Oferta Complementar
--	--	--

10.2- Vigência do Projeto Educativo

Duração do projeto em meses	33
Data prevista para o início e final do projeto	De setembro de 2018 a julho de 2021

10.3 - Avaliação do Projeto Educativo

O Projeto Educativo terá dois momentos de avaliação: intermédia (no fim de cada ano) e final (no fim do terceiro ano do projeto). As atividades desenvolvidas serão analisadas e sujeitas a uma avaliação para que se façam os ajustes necessários.

Neste processo procurar-se-ão recolher e analisar os diferentes indicadores, refletindo em equipa sobre os processos e os resultados.

Ao Conselho de Docentes competirá o acompanhamento e avaliação do Projeto Educativo, focando, entre outros, os seguintes aspetos:

- A apresentação de sugestões para a etapa seguinte de desenvolvimento do Projeto Educativo;
- A realização das atividades previstas e não previstas no Plano Anual de Atividades;
- Participação dos docentes envolvidos, num balanço a realizar em julho de cada ano letivo para avaliação do projeto;
- Avaliação final de cada ano letivo que inclua uma reflexão crítica sobre as atividades desenvolvidas;

Só no final dos três anos e com a respetiva avaliação do Projeto Educativo saber-se-á se as metas propostas foram alcançadas, se as estratégias adotadas foram as mais adequadas e se os problemas persistirão. Caso estes

persistam, de futuro serão adotadas novas estratégias para atingir as metas a que o Jardim-Escola se propõe.

10.4 - Critérios de avaliação final do Projeto Educativo

Insuficiente – Não foram atingidas as metas

Suficiente – Foram atingidas apenas algumas metas

Bom – Foram atingidas a maioria das metas

Muito Bom – Foram atingidas todas as metas

10.5 - Divulgação do Projeto Educativo

O projeto será apresentado, no início de cada ano letivo às crianças e aos pais/encarregados de educação.

Ao longo da sua vigência, este Projeto Educativo estará disponível, a toda a comunidade educativa, para consulta na Secretaria do Jardim-Escola.

setembro 2018

XI - BIBLIOGRAFIA

- João de Deus, Associação de Jardins-Escolas João de Deus (2008). *Regulamento Interno para a Valência de Creche nos Jardins-Escola João de Deus e Centros Infantis João de Deus*: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- João de Deus, Associação de Jardins-Escolas João de Deus (2008). *Regulamento Interno para as Valências de Jardim-de-infância e 1.ºCiclo do Ensino Básico*: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- <http://www.cm-figfoz.pt/>